

Representatividade negra no telejornalismo brasileiro: desafios e conquistas

Mulheres jornalistas relatam suas jornadas contra o racismo estrutural na mídia brasileira

A presença da mulher negra no telejornalismo brasileiro tem sido historicamente limitada, refletindo as desigualdades estruturais e os padrões de exclusão que permeiam a sociedade. No entanto, ao longo dos anos, houve avanços significativos na representação dessas mulheres, que passaram a assumir posições de destaque na televisão brasileira. Figuras como Glória Maria, que foi uma renomada jornalista, repórter e apresentadora de televisão, e a jornalista Maju Coutinho, que se tornou a primeira mulher negra a apresentar um telejornal noturno em rede nacional, têm desafiado os estereótipos e conquistado espaços importantes no jornalismo televisivo.

Nos últimos anos tornou-se perceptível o aumento no número de pessoas negras na apresentação de programas televisivos, contribuindo para a diminuição de injustiças que historicamente excluíram essa população das telas brasileiras. A privação de pessoas negras de posições importantes na mídia tem o impacto de impedir que vozes sejam ouvidas e perspectivas importantes sejam compartilhadas, o que contribui para a formação de mais um obstáculo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A presença de mulheres negras como âncoras e repórteres não apenas proporciona modelos positivos para jovens que se identificam com elas, mas também promove a igualdade de oportunidades em um campo profissional historicamente dominado por pessoas brancas. A mídia, incluindo o telejornalismo, exerce uma influência significativa na sociedade, não apenas informando, mas também moldando percepções, valores e atitudes. Portanto, a representação diversificada,

que inclui mulheres negras em posições de destaque, é fundamental para quebrar padrões e criar um ambiente mais inclusivo e equitativo.

A jornalista Camila Falabela, de 35 anos, mora em Belo Horizonte e trabalha na redação da Globo Minas. Sua paixão pela televisão começou na infância, um período marcado por uma conexão especial com o mundo da TV. Camila cresceu ao lado dos estúdios da Globo, já que a casa de sua mãe ficava bem próxima à emissora. Desde pequena, ela ficava fascinada ao ver as pessoas da televisão circulando pela vizinhança. Essa convivência diária com o ambiente televisivo alimentou seu sonho de um dia fazer parte daquele mundo mágico. Essas experiências da infância tiveram um impacto profundo em suas escolhas futuras. O encanto e a admiração que sentia pelo jornalismo a levaram a estudar comunicação e ingressar na profissão que tanto amava.



Camila Falabela, jornalista da Globo Minas, apresenta o G1 em 1 Minuto em Belo Horizonte

De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2020, o setor de comunicação e mídia apresentou uma representatividade racial desigual, com uma sub-representação notável de profissionais negros. Entre os

jornalistas, apenas 29% se identificaram como negros ou pardos, o que evidencia as dificuldades que profissionais negros enfrentam para manter uma presença significativa nesse campo.

Na área do telejornalismo, Camila enfrenta múltiplos desafios, especialmente devido às expectativas e preconceitos associados à sua identidade racial e de gênero. Estes obstáculos são influenciados pelo contexto em que ela atua e que muitas vezes impactaram significativamente sua carreira e experiência profissional.

“Um dos obstáculos enfrentados são os comentários negativos e preconceituosos por parte de alguns telespectadores, existem muitas críticas relacionadas à aparência, cabelo, vestimenta e até mesmo postura” relata Camila. Essa realidade ressalta as complexidades e desafios enfrentados por profissionais que buscam quebrar barreiras e promover a diversidade em um setor.

Esse tipo de percepção social pode ser compreendido pelo enquadramento de um conceito que vem aos poucos ganhando um conhecimento mais amplo no país: racismo estrutural. O racismo estrutural é um conceito que descreve como as instituições, práticas e normas sociais em uma sociedade são moldadas de maneira a perpetuar e reforçar a desigualdade racial. Diferente do racismo individual, que se manifesta por meio de atitudes discriminatórias de pessoas específicas, o racismo estrutural está embutido nas estruturas e sistemas sociais, como educação, mercado de trabalho, sistema de justiça, saúde, entre outros.

Mídia audiovisual e inclusão

Para Romilda Neto Pizani, presidente do Fórum Permanente das Entidades do Movimento Negro e defensora das questões femininas negras, é fundamental reconhecer o impacto significativo da mídia audiovisual na representação e inclusão, especialmente as séries televisivas. “A presença de atores e apresentadores negros

em papéis de destaque e o aumento notável de profissionais negros ocupando esses espaços na televisão refletem os ideais de uma sociedade igualitária pelos quais todos almejamos”, destaca.

Romilda salienta que essa transformação de mentalidades está ocorrendo de forma consistente e, nos últimos tempos, tem sido particularmente marcante. Como exemplo, ela menciona a presença expressiva de atores negros em três novelas recentemente transmitidas em um dos maiores canais de televisão aberta no Brasil, a Rede Globo de Televisão, *Além da Ilusão*, *Quanto mais vida melhor* e *Pantanal*. Esses exemplos ilustram a importância de oferecer oportunidades e criar espaços que permitam que pessoas negras se vejam representadas na mídia.

A representatividade não é apenas uma questão de importância, mas também um passo essencial em direção à inclusão e à promoção da diversidade. “A representação positiva de diferentes culturas e identidades não apenas celebra a pluralidade da sociedade, mas também inspira as gerações futuras a acreditarem em suas capacidades para alcançar seus sonhos, independentemente de sua origem étnica, essa é uma parte fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária” destaca Romilda Pizani.

A ausência de debates e palestras nas empresas sobre a importância dos negros em cargos de destaque revela uma lacuna significativa na promoção da igualdade racial e na construção de ambientes de trabalho verdadeiramente inclusivos. A discussão sobre diversidade é fundamental não apenas como um imperativo ético e social, mas também como uma estratégia empresarial inteligente para promover a inovação e o crescimento sustentável.

Em um contexto empresarial globalizado e diversificado, a representação de diferentes grupos étnicos e culturais não deve ser apenas uma questão de complacência com políticas de igualdade, mas sim uma prioridade estratégica. A inclusão de profissionais negros em cargos de liderança não apenas enriquece a

perspectiva e a criatividade organizacional, mas também fortalece a capacidade da empresa de entender e atender melhor um mercado consumidor cada vez mais diverso.

A ausência de espaços formais de discussão contribui para a perpetuação de estereótipos e para a marginalização de talentos que poderiam contribuir significativamente para o crescimento e a inovação da empresa.

Iniciativas que promovem a diversidade e a inclusão não apenas melhoram o ambiente de trabalho e reduzem desigualdades, mas também reforçam o compromisso da empresa com valores de equidade e justiça social. Cabe às empresas e às lideranças empresariais assumirem um papel proativo na promoção desses diálogos, investindo em programas de sensibilização, capacitação e desenvolvimento de lideranças que valorizem a diversidade étnica e cultural como um diferencial competitivo e uma fonte de vantagem sustentável no mercado atual.

A jornalista Camila Falabela trabalha atualmente na redação de um telejornal, mas iniciou sua carreira como repórter no telejornalismo e esteve à frente das câmeras. Ela relata uma situação que a deixou desanimada quando ainda estava no telejornalismo. Durante sua transição capilar, processo que consiste em parar de usar produtos químicos alisadores ou relaxantes nos cabelos, permitindo que os fios naturais cresçam e se desenvolvam com a curvatura original dos cachos, sem a interferência de produtos químicos, ela trabalhava em um horário que não era flexível. Esta situação acabava deixando mais difícil o processo de acordar, lavar o cabelo e finalizá-lo, técnica fundamental para garantir a definição dos cachos. Assim, em uma dada semana decidiu alisar temporariamente os fios usando um secador de cabelo, prática conhecida como escova, para facilitar a arrumação na hora de ir trabalhar. No primeiro dia em que apareceu de cabelo escovado na televisão, recebeu em seu *Instagram* um grande número de mensagens que diziam que a emissora havia obrigado a jornalista a alisar o cabelo. Aquele comportamento da audiência acabou gerando uma revolta na jornalista, pois sua decisão não tinha

ligação alguma com qualquer tipo de imposição feita por parte da empresa. "Eu cheguei em casa, lavei o cabelo e passei a ter que acordar duas horas antes de ir trabalhar, porque não queria ninguém me cobrando de nada. É muito cruel. Por isso que eu falo. Quem tem vontade de ser repórter de televisão tem que estar com a mente muito boa e tem que estar muito disposto. Eu não tive preparo emocional para isso. Eu queria muito fazer isso, mas não tive e não tenho cabeça para isso", destacou a jornalista.

Uma de suas melhores recordações da época de repórter é referente ao papel de representatividade que desempenhou para diversas meninas. "Uma coisa que me pegou muito quando eu decidi que não queria ficar em frente às câmeras é porque eu sempre recebo mensagem de meninas dizendo 'eu me identifico tanto com você, o meu cabelo é parecido com o seu', saber que estava ali incentivando meninas pretas e pobres, era importante para mim" relatou a repórter.

A jornalista sente orgulho em valorizar a influência positiva que pôde gerar em meninas, especialmente aquelas que compartilham características semelhantes, como cabelo e origens étnicas. O exemplo de Camila demonstra que a presença de mulheres negras causa reverberações sociais, que vão para além dos efeitos de sua própria atuação profissional.

Romilda Pizani, ativista engajada, destaca que ao abordar a questão da igualdade de oportunidades, é essencial reconhecer as distintas realidades enfrentadas pelas diferentes etnias. Para alcançar uma sociedade mais justa, é fundamental levar em consideração as particularidades de cada grupo étnico, a fim de eliminar experiências de sofrimento e discriminação. Ela aponta para um exemplo concreto desse desafio: a pressão social que obriga algumas pessoas a acordarem mais cedo para lidar com seus cabelos, devido a padrões impostos.

“Essa pressão é prejudicial e deve ser eliminada. Em vez disso, é crucial valorizar e respeitar a diversidade de belezas, incluindo a variedade de estilos capilares”, comenta. Romilda enfatiza a importância de buscar direitos iguais, permitindo que profissionais negros qualificados ocupem posições de destaque. Contudo, ela ressalta que pessoas negras enfrentam situações constrangedoras, absurdas e emocionalmente desgastantes durante essa jornada. “O objetivo é criar um ambiente onde a diversidade seja genuinamente celebrada, onde as oportunidades sejam distribuídas de maneira equitativa e onde a representatividade negra seja a norma, não uma exceção”, ressalta.

Desafios estruturais e perspectivas futuras

A falta de representação de negros no telejornalismo brasileiro é um reflexo direto de uma série de questões históricas, estruturais e culturais profundamente enraizadas na sociedade. Historicamente, o Brasil carrega um legado de discriminação racial e exclusão sistemática das populações afrodescendentes, resultado da escravidão e das políticas de branqueamento que marcaram sua história.

Essa marginalização se reflete no ambiente midiático, onde persistem padrões estéticos e comportamentais que privilegiam a imagem e a voz branca, perpetuando estereótipos e excluindo vozes e perspectivas diversas. Além disso, as oportunidades de acesso à educação e formação profissional têm sido historicamente desiguais para negros, limitando suas chances de ingresso e ascensão no mercado de trabalho, incluindo o jornalismo.

O telejornalismo, como parte integrante da mídia brasileira, reflete essa realidade estrutural, muitas vezes reproduzindo uma visão de mundo que não inclui a diversidade étnica do país. Essa falta de diversidade não apenas compromete a representatividade das comunidades afrodescendentes, mas também influencia

diretamente a agenda midiática, afetando a forma como as questões raciais são abordadas e percebidas pelo público em geral.

Portanto, a escassez de profissionais negros no telejornalismo brasileiro não é apenas uma questão de escolha individual, mas sim o resultado de um sistema mais amplo de desigualdades sociais, econômicas e culturais que permeiam as estruturas da sociedade brasileira. A mudança desse cenário requer não apenas políticas de inclusão efetivas nas empresas de comunicação, mas também uma conscientização contínua sobre a importância da representatividade e da diversidade na construção de uma mídia mais justa e inclusiva.

Eliane Moreira dos Santos, de 36 anos, é natural de Juiz de Fora, mas atualmente reside em Goiânia, onde trabalha como repórter de telejornalismo na TV Anhanguera Goiânia. Para Eliane, o jornalismo é mais do que uma profissão; é uma realização pessoal e uma grande responsabilidade.

Desde cedo, Eliane foi atraída pelo mundo das notícias. Ela lembra que, quando criança, assistia aos telejornais com admiração, imaginando-se um dia no lugar daqueles repórteres. Seu sonho de infância se concretizou, mas ela entende que estar em frente às câmeras carrega um peso significativo, especialmente sendo uma mulher negra. Ela sabe que sua presença na TV vai além de apenas informar; ela é um exemplo de inspiração para muitas meninas negras que a assistem.

Eliane enfatiza a importância da responsabilidade ao dar notícias, destacando que cada palavra deve ser escolhida com cuidado e empatia, considerando o impacto que pode ter na vida das pessoas sobre as quais ela está falando. "Você não está somente na frente das câmeras, você está sendo o sonho de várias meninas que estão te assistindo. Você não está só representando, você está cultivando sonhos", afirma Eliane. Ela entende que, ao aparecer na televisão, está abrindo caminhos e alimentando os sonhos de jovens que se veem nela e se inspiram em sua trajetória.



Eliane Moreira em uma transmissão ao vivo da TV Anhanguera de Goiânia

A jornalista expressa uma compreensão profunda e significativa do papel que desempenha no telejornalismo. Seu ponto de vista ressalta a importância do jornalismo como uma plataforma para a prestação de informações claras e responsáveis a um público diversificado.

- Responsabilidade na comunicação: responsabilidade que vem com o fato de estar na frente das câmeras. Ela entende que suas palavras têm um impacto significativo nas percepções e compreensão das pessoas. Isso a motiva a comunicar as notícias de forma clara e objetiva, garantindo que todas as classes sociais possam entender.
- Cuidado com as informações: compreende que as informações que ela divulga podem afetar diretamente a vida das pessoas. Destaca com isso a importância de verificar fatos, acessar fontes confiáveis e apresentar informações precisas para o público. Esse cuidado ajuda a manter a integridade do jornalismo e a confiança do público.
- Representatividade: entende que sua presença como mulher preta na televisão tem um impacto na representatividade. Sua imagem pode servir como inspiração para meninas pretas, mostrando que elas também podem alcançar posições importantes e fazer contribuições valiosas para a sociedade.

- Conexão com a audiência: percebe conexão com sua audiência, especialmente com as meninas pretas. Ela reconhece o valor de ser um modelo positivo e inspirador para elas, o que pode ajudar a construir confiança e autoestima em jovens que muitas vezes são sub-representados na mídia.

“O racismo é algo inevitável e às vezes é mais fácil sofrer discriminação dentro da empresa do que fora do ambiente de trabalho, o que torna a situação mais delicada e complicada” comenta Eliane. No exercício do telejornalismo, ela relata que sofreu em sua cidade natal, um caso de racismo que a marcou para a vida toda. Em um carnaval de Juiz de Fora o destaque ficava para os vários bloquinhos e a equipe que trabalhava ficou responsável por cobrir ocorrências em delegacias, pois várias brigas entre foliões estavam sendo registradas pela polícia. A repórter então entrou na delegacia segurando o microfone em uma das mãos e vestindo uma blusa com a logomarca da empresa, uniforme que identificava todos os repórteres na cobertura da folia naquele ano. Ao perguntar para o policial se havia algum responsável para falar sobre as prisões que estavam acontecendo ela relata: "Ele levantou a cabeça e falou: você é parente do preso? E eu respondi que não, que era repórter. Pelo seu semblante, parecia envergonhado, logo pediu desculpas”, contou.

A situação enfrentada por Eliane enquanto estava trabalhando como repórter, é um exemplo de como o racismo pode se manifestar em situações do dia a dia e de como o preconceito racial ainda está presente sob muitos aspectos na percepção social das pessoas.

Assim como Camila, Eliane também realça um aspecto crucial: a mudança social. Ela relatou que ao confrontar a imagem do cabelo cacheado refletida no espelho diariamente, percebe que este desafio de aceitação não é apenas pessoal, mas também um desafio para toda a sociedade. “A conscientização e a educação desempenham papéis fundamentais na transformação das percepções, é de grande

importância promover diálogos sobre representação, diversidade e a necessidade de questionar padrões já estabelecidos”, destaca Eliane.

A jornalista e escritora Eliane Brum, em seu livro *O Olho na Rua*, enfatiza a importância de ouvir as vozes daqueles que enfrentam o racismo cotidianamente e de reconhecer o papel da sociedade em perpetuar essas desigualdades. Essa obra desafia o leitor a enxergar o mundo sob diferentes perspectivas e a refletir sobre as questões sociais e humanas que moldam a sociedade brasileira. Eliane Brum destaca a necessidade de mudança para uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade seja valorizada e as desigualdades raciais sejam combatidas de forma ativa.

Pressões e padrões enfrentados

Diulian Marques, jornalista de 29 anos, é natural de Campo Grande e atualmente trabalha na TV Morena. Desde jovem, Diulian sempre foi apaixonada pela comunicação, mas sua trajetória no jornalismo não foi isenta de desafios.

Ela compartilha que enfrentou preconceitos tanto de ouvintes quanto de colegas dentro da própria profissão. Esses olhares críticos e comentários negativos, no início, causaram inseguranças e abalaram sua confiança. "No começo, era difícil não se deixar afetar. Você começa a duvidar de si mesma, a se perguntar se realmente está no caminho certo", relembra Diulian. No entanto, com o tempo, ela desenvolveu uma abordagem mais madura e resiliente para lidar com essas situações.

"Hoje sou muito mais madura. Levou bastante tempo para eu entrar na área, então não me deixo afetar facilmente como antes. Eles querem isso, então não deixo me abalar. Nós que somos mulheres engolimos muita coisa", afirma. Diulian entende

que esses desafios fazem parte de sua jornada e, em vez de se deixarem abater, ela usa essas experiências para se fortalecer e crescer.

Para Diulian, o jornalismo é uma grande realização em sua vida. Ela é apaixonada por seu trabalho e tem muitas metas e aspirações ainda a serem alcançadas na profissão. Seu objetivo é continuar se destacando e fazendo a diferença no campo do agronegócio, um setor que é fundamental para o país. Além disso, ela deseja ser uma voz ativa na luta contra o preconceito e na promoção da igualdade de gênero no jornalismo.

Diulian acredita que cada conquista é um passo em direção a um futuro melhor e mais justo para todas as mulheres na profissão. "Quero ser um exemplo de que, apesar das dificuldades, é possível alcançar nossos sonhos e metas", conclui.



Diulian Marques apresenta a previsão do tempo na TV Morena

Assim como Camila, Diulian também passou pelo desafiador processo de transição capilar. Ela compartilhou uma experiência em que se sentiu reprimida: "A pessoa dizia que eu estava ótima e arrasando no vídeo, porém o meu cabelo passava

um ar de cabelo desarrumado, mas, quando eu parecia de cabelo preso com o coque, eu ficava bonita e elegante” relata. Diulian relata que não entrou em discussões com a pessoa que escreveu o comentário, apenas escolheu não deixar que esses conteúdos não a afetassem.

As pressões sociais e os padrões de beleza têm um impacto notável na forma como as pessoas são percebidas e julgadas ao optarem por passar pela transição capilar. A trajetória da jovem jornalista ressalta os desafios recorrentes enfrentados por aqueles que optam por passar pelo processo.

A transição capilar tem se tornado cada vez mais popular no Brasil, especialmente entre pessoas com cabelos crespos ou cacheados que optam por abandonar processos químicos de alisamento. Esse aumento de interesse é evidente pelo crescimento do mercado de produtos específicos para cabelos naturais, pela abertura de salões especializados e pela criação de comunidades online dedicadas ao tema. Embora não haja dados precisos sobre o número de pessoas em transição capilar no país, esses indicadores sugerem uma crescente adesão a esse processo.

Além disso, as influenciadoras digitais em todas as plataformas, as mídias televisivas e o cotidiano das pessoas têm contribuído para essa tendência, fazendo com que cada vez mais indivíduos se sintam mais socialmente pertencentes com o seu próprio cabelo.

No entanto, a atitude demonstrada por Diulian Marques, caracterizada pela auto aceitação e determinação em abraçar sua identidade capilar, ilustra a força da confiança pessoal e a resistência contra as normas de beleza convencionais.

As histórias de Diulian e Camila ressaltam a importância de desafiar estereótipos e promover a aceitação de todas as formas de identidade capilar. Elas

destacam a necessidade de a sociedade abraçar a diversidade capilar, reconhecendo que a autenticidade na expressão da identidade capilar é essencial para o respeito à individualidade e aos diferentes padrões de beleza.

Diulian também reflete que ainda há pouca representação no telejornalismo, dando destaque para o nome da jornalista Maju Coutinho, jornalista e atualmente apresentadora que está à frente do 'Fantástico', um dos programas de maior prestígio na rede de televisão aberta do país. No entanto, ela observa que Maju enfrentou desafios e teve que provar seu talento, lembrando o fato de que quando a jornalista passou a apresentar o Fantástico, pessoas nas redes sociais opinaram dizendo que ela deveria ter continuado fazendo apenas a previsão do tempo. Como suas colegas de profissão, Diulian ressalta a importância de proporcionar modelos inspiradores para as crianças: “É uma inspiração para as crianças que assistem televisão, elas precisam ter inspiração. Eu sofri muito quando eu era criança, não ver nada para te acolher, eu não tive esse acolhimento e essas crianças de hoje em dia têm. Eu acredito muito que é preciso ter essa representatividade no telejornalismo”, pontuou.

Em Campo Grande, a jornalista Jacklin Andreucce Medeiros Ramos, de 44 anos de idade, atualmente integra a equipe da TV MS Record. Sua trajetória profissional é marcada por uma jornada de autodescoberta e luta contra o racismo estrutural. Ela recorda que na primeira emissora em que trabalhou, era a única pessoa negra da equipe. Hoje, na TV Record, Jacklin se orgulha de fazer parte de uma equipe mais diversificada.



Jacklin Andreucce apresentava o Balanço da Manhã na TV MS Record

Ela relembra os primeiros passos de sua carreira no jornalismo, quando ainda não compreendia completamente a extensão do racismo estrutural. "Quando comecei, eu era tão inocente, não tinha noção do que era o racismo estrutural, não percebia o preconceito em pequenas coisas", diz, admitindo que na época sofreu com a falta de consciência sobre o preconceito racial. "Eu entendia que algo estava estranho, mas não relacionava diretamente à minha cor ou raça", diz Jacklin.

Ela recorda como os apresentadores e apresentadoras da época, inclusive ela mesma, eram pressionados a seguir um padrão que incluía cabelos curtos e lisos. "Tinha o cabelo padrão, curtinho. Cortaram o cabelo de todo mundo que aparecia na televisão. Inclusive o meu, eu fiquei parecendo um poodle", relata.

Ela acredita que as pessoas precisam entender que todos são únicos e que não há um único padrão de beleza. "Somos diferentes, cada um é diferente do outro, e era preciso que eles buscassem entender que eu tinha essa diferença, esse diferencial", pondera. Ela também afirma que o caminho não é culpar aqueles que impunham os padrões do passado, mas sim incentivar a compreensão e aceitação da diversidade. "Não é defender o opressor, mas às vezes as pessoas não tinham esse entendimento", acrescenta.

Ela afirmou que antigamente a indústria da beleza e da moda não reconheciam a diversidade capilar, deixando muitas pessoas, especialmente aquelas com cabelos cacheados e crespos, se sentindo fora do lugar na mídia. No entanto, Jacklin destaca que, ao longo do tempo, houve uma evolução notável nessa percepção. A indústria brasileira de cosméticos começou a entender que a diversidade capilar era uma realidade que precisava ser abraçada. Ela observa que essa mudança resultou na criação de produtos específicos para cabelos cacheados e crespos, refletindo o reconhecimento de que não existe um padrão único de beleza capilar.

Avanços na representação e impacto na sociedade

Atualmente, a indústria de cuidados capilares está passando por mudanças significativas em resposta à crescente demanda por representatividade e aceitação de todos os tipos de cabelo, incluindo os cacheados. Marcas de beleza e cuidados pessoais têm investido em campanhas publicitárias que refletem a diversidade capilar. Empresas como *Dove*, *Pantene*, *Embeleze*, *Salon Line* e *Lola Cosmetics* expandiram suas linhas de produtos específicos para diversos tipos e texturas de cabelos, atendendo a uma demanda crescente.

“Essa abordagem valoriza a beleza e a singularidade de cada pessoa, independentemente da forma natural como seus cabelos crescem, quebrando a ideia de que existe um único padrão de cabelo, muitas vezes nomeado como "ideal" ou "normal", destaca Jacklin.

Os depoimentos compartilhados não apenas promovem uma reflexão sobre a crescente aceitação da diversidade capilar, mas também relembram um desafio mais amplo e persistente na sociedade brasileira: o racismo.

O racismo estrutural compõe uma realidade que afeta duramente as pessoas negras em muitos aspectos de suas vidas, incluindo a percepção de sua própria beleza. À medida que cresce a conscientização sobre o racismo estrutural, observa-se um aumento no empoderamento das pessoas negras para rejeitar padrões de beleza opressivos. O movimento de aceitação dos cabelos naturais reflete essa mudança cultural mais ampla. Essa abordagem destaca a importância de celebrar a identidade e a beleza de cada ser humano, independentemente de sua origem étnica, e valoriza a diversidade dos tipos de cabelo, bem como a riqueza das experiências e culturas que moldam a identidade individual.

Um ponto em comum entre as elas é que, desde o momento em que optaram por seguir o caminho do jornalismo, suas famílias sempre estiveram ao seu lado, mesmo conscientes dos desafios enfrentados em um país profundamente marcado pelo racismo.

No texto "Minoria Negra no Jornalismo Brasileiro Expõe Racismo como Herança Preservada", publicado no Jornal da USP e escrito por Hugo Luque, o autor discute um ponto crucial sobre o racismo sistêmico no Brasil, mostrando como ele se manifesta em várias profissões, incluindo o jornalismo. Em uma entrevista no texto, Paulo Eduardo Alves da Silva, professor da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP) da USP, destaca a falta de representatividade de pessoas negras em posições

de destaque e em áreas geralmente ocupadas por pessoas brancas, um problema comum em todo o mercado de trabalho.

Essa falta de representatividade é um reflexo direto das profundas desigualdades históricas e estruturais que persistem na sociedade brasileira. O racismo, como observado pelo professor, é uma herança sombria que continua impactando negativamente a vida e as oportunidades das pessoas negras. A desigualdade racial está profundamente arraigada em sistemas educacionais, instituições, práticas de contratação e normas sociais, tornando o acesso e o progresso na carreira para pessoas negras uma tarefa desafiadora.

Todas as repórteres dessa reportagem declararam que o apoio incondicional fornecido por suas famílias não apenas fortaleceu a autoestima delas, mas também forneceu uma base sólida de confiança, capacitando-as a enfrentar os desafios impostos pelo racismo e pela pressão social. “Esse apoio familiar não apenas me encorajou a abraçar minha identidade racial, mas também serviu como alicerce para minha autoestima e determinação ao desafiar estereótipos e preconceitos profundamente enraizados em nossa sociedade”, destaca Jacklin Andreucce.

Em conjunto, esses relatos e análises destacam a importância crucial do enfrentamento do racismo e a necessidade de se promover a representatividade e igualdade nos locais de trabalho, conscientizando a sociedade sobre a necessidade de eliminar barreiras baseadas na raça.

As histórias das jornalistas Camila Falabela, Eliane Moreira, Diulian Marques e Jacklin Andreucce, assim como a trajetória de outras jornalistas negras, exemplificam os desafios e as vitórias de quem opta pela transição capilar e luta contra o racismo estrutural. O apoio familiar e a visibilidade de modelos inspiradores, como a jornalista Maju Coutinho, desempenham um papel crucial na construção da autoestima e na promoção de mudanças positivas na sociedade. A falta de

representatividade de pessoas negras em cargos de destaque no jornalismo ainda reflete profundas desigualdades históricas e estruturais, mas iniciativas para aumentar a diversidade estão ganhando força.